

PSICANÁLISE E LITERATURA: MATERNIDADES POSSÍVEIS EM “AÇUCAR QUEIMADO”, DE AVNI DOSHI

Ludmilla Souto Viana¹

RESUMO: Com escopo de promover a articulação entre Psicanálise e Literatura, buscamos neste presente artigo realizar uma análise da obra literária *Açúcar Queimado*, de Avni Doshi, ancorando-se nos conceitos psicanalíticos introduzidos por Melanie Klein (1991) e por psicanalistas contemporâneos que pesquisam questões de gênero, parentalidade e perinatalidade. O interesse por essa investigação surgiu da observação de que a temática da maternidade e suas nuances têm ganhado espaço nas obras ficcionais, num momento em que se discute a importância dos cuidadores envolvidos na chegada de um bebê na dinâmica familiar. Sem perder de vista o peso que ainda é dirigido às mães, Doshi aponta questões determinantes para a consolidação do patriarcado numa perspectiva crítica e ácida, que nos faz repensar sobre o que de fato representa a maternidade. Nesse sentido, *Açúcar Queimado* possibilita discutir aspectos concernentes às imbricações entre gênero, parentalidade e maternidades, numa perspectiva crítica, que coloca em questionamento mitos historicamente construídos, como a ideia do instinto materno e outras construções socioculturais que gravitam no entorno da relação mãe-bebê.

Palavras-chave: Gênero; literatura; maternidades; parentalidade; psicanálise.

PSYCHOANALYSIS AND LITERATURE: POSSIBLE MATERNITIES IN BURNED SUGAR BY AVNI DOSHI

ABSTRACT: With the aim of promoting the articulation between Literature and Psychoanalysis, this article seeks to carry out an analysis of the literary work *Açúcar Queimado*, by Avni Doshi, anchored in the psychoanalytic concepts introduced by Melanie Klein and contemporary psychoanalysts who research gender issues, parenting and perinatality. The interest in this investigation arose from the observation that the theme of motherhood and its nuances has gained space in fictional works, at a time when the importance of caregivers involved in the arrival of a baby in family dynamics is being discussed. Without losing sight of the weight that is still placed on mothers, Doshi points out crucial issues for the consolidation of patriarchy from a critical and acidic perspective, which makes us rethink what motherhood actually represents. In this sense, *Açúcar Queimado* makes it possible to discuss aspects concerning the overlap between gender, parenting and motherhood, from a critical perspective, which calls into question historically constructed myths, such as the idea of maternal instinct and other sociocultural constructions that surround the mother-baby relationship.

Keywords: Gender; literature; maternity hospitals; parenting; psychoanalysis.

¹ Psicanalista. Residência médica em Psiquiatria pelo Instituto Municipal Philippe Pinel RJ/RJ (2010), Graduada em Medicina pela Faculdade de Medicina de Barbacena/MG (2006). E-mail: ludmillasouto@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0009-0001-4133-1872>.

Introdução

Açúcar Queimado é uma obra ficcional contemporânea, publicada em 2021, cujo cenário é o oeste da Índia, numa cidade chamada Pune, tendo o hinduísmo como prática religiosa daquele povo. A escrita do livro explicita as inquietações do universo feminino e traz à tona as desigualdades de gênero e impossibilidades impostas à mulher pertencente à cultura indiana.

Trata-se de um romance psicológico, intimista, que coloca lente de aumento na relação com a maternidade tanto na perspectiva de filha como desta no lugar de mãe. Aborda costumes distintos do povo brasileiro, mas que possuem muita proximidade no que diz respeito à opressão dirigida à mulher e à responsabilidade praticamente exclusiva desta em relação aos cuidados com o bebê.

O romance, narrado em primeira pessoa, gravita em torno da personagem Antara. O primeiro capítulo, situado no presente, apresenta-nos essa protagonista já na fase adulta, casada com Dilip e enfrentando o adoecimento de Tara, sua mãe, a quem ela chama de Ma. Esta se encontra desmemoriada e tem chamado a atenção por um comportamento desorganizado. O livro inicia-se com a seguinte frase, provocando-nos curiosidade, perplexidade e dúvida sobre como uma filha pode desejar tão mal à própria mãe: “Eu estaria mentindo se dissesse que o sofrimento da minha mãe nunca me deu prazer” (Doshi, 2021, p.9). Essa impactante frase expressa desejo de vingança e, ao longo do texto, vamos nos envolvendo por uma trama que se desenvolve sob a perspectiva de Antara, desnudando sua relação com a sua mãe. No decorrer da trama, afetos primários e o surgimento de sentimentos de amor, ódio, inveja e desamparo suscitam outras tantas emoções, interferindo na vida de Antara e no modo como ela se coloca diante do outro.

A protagonista é de origem indiana e nasce numa família tradicional, seguidora dos costumes culturais de modelo fortemente patriarcal. No entanto, quando Antara ainda é muito pequena, sua mãe decide ir embora, abandonando o casamento e levando a filha consigo. Durante algum tempo, Tara passa a morar num Ashram, espécie de comunidade místico-espiritual, onde pratica os rituais religiosos e acaba se tornando uma das esposas do Baba (chefe venerável do Ashram). Ali, Antara vivencia boa parte da sua infância, sentindo-se abandonada por sua mãe que a deixava sozinha para passar as noites com o Baba. A personagem recorda-se de cenas em que chorava, tinha medo e sentia-se desprotegida. Foi no Ashram que ela encontrou Kali Mata, uma das esposas de Baba, que representou, por vezes, seu lugar seguro. Nessa figura, a frágil menina encontrou colo, abrigo e proteção. Não por acaso, muitos anos, mesmo depois da morte de Kali Mata, Antara recorda-se desse lugar de afeto construído e diz que gostaria de tê-la ao seu lado quando nascesse sua filha.

Depois de sair do Ashram, por ter se decepcionado com o Baba, Tara passa a viver nas ruas com Antara em condições precárias e expõe a filha à situação de miséria. Um dia, o pai de Antara as encontra no caminho e decide levá-las para a casa dos avós maternos.

Quando ficam cientes da situação em que filha e mãe estavam vivendo, os pais de Tara as acolhem na sua casa e depois de um tempo Antara é conduzida ao internato. Durante o ano

de colégio interno, a jovem passa pelos piores tratamentos e humilhações da sua vida. Sofre violências físicas, psíquicas e privações de toda ordem. Num dia de visita, Nani (sua avó) resolve trazê-la de volta para a sua casa. Embora o sofrimento de Antara seja evidente, nada disso é suficiente para que Tara consiga alcançar a dimensão e atender às necessidades da filha. Assim, além do distanciamento afetivo, cresce em Antara o horror à sua mãe. Seguem entre encontros e desencontros, nutrindo uma relação marcada pelo desamparo e pela inveja. Quando Antara torna-se adolescente, Tara se envolve com um homem mais jovem (Reza Pine), que se torna seu amante e passa a residir na mesma casa que elas. Mais tarde, em outro momento da vida, quando Antara já estava adulta, ela reencontra Reza Pine, o ex-namorado de sua mãe, e ambos tornam-se amantes, o que desencadeia em Antara emoções conflitantes.

Muito tempo se passa até que Antara já é uma artista plástica estabelecida e casada com um americano (Dilip). Ela hesita por alguns anos e, quando decide engravidar, vê-se às voltas com o adoecimento de sua mãe, que já se encontra demenciada e demandante de atenções e cuidados, sendo levada pela filha para morar na casa desta.

A partir desse ponto, a história é apresentada alternando passado e presente, fazendo Antara experienciar conflitos relacionados à maternagem e colocar-se diante de escolhas que destoam do que fora planejado por ela, mas que se deram em virtude das contingências que se apresentaram, conduzindo-a a assumir papéis possíveis, abdicando de idealizações.

1. Como nascer de uma mãe sem se desprender dela

Antara se ressente com a mãe e manifesta sua indignação através dos pensamentos de conteúdo vingativo e raivoso. Ela diz: “Quando penso naqueles dias, me pergunto se ela alguma vez me viu como uma criança que queria proteger. Será que sempre me viu como uma competidora ou, antes, uma inimiga?” (Doshi, 2021, p. 199). Ainda nas palavras da personagem: “Os anos de adolescência foram o mais perto que cheguei de odiá-la. Muitas vezes desejei que ela nunca tivesse nascido, sabendo que isso também me apagaria – eu entendia o quão profundamente conectadas éramos, e como a sua destruição iria irrevogavelmente levar à minha” (Doshi, 2021, p. 199).

Partindo do pressuposto de Vera Iaconelli (2023), de que a reprodução de corpos não necessariamente implica a reprodução de sujeitos, é oportuno questionar o quanto Ma foi responsável não só pelo sofrimento impingido à Antara, mas também serviu de lugar de afeto. Essa ambivalência se torna evidente quando, já adulta, Antara se percebe intimamente conectada à sua mãe. Não terá sido esse vínculo forte o suficiente para a constituição do elo de amor entre filha e mãe? Ainda que os marcadores de dor e de ausência sejam a tônica da narrativa, poderíamos inferir que existe um arcabouço de experiências prévias que serviram de constructo para a emersão dessas emoções antagônicas entre as protagonistas? O ato de levar a filha consigo e não deixá-la para trás permitiu que houvesse essa troca e talvez até mesmo uma identificação? E não teria sido o olhar materno que fez com que Antara se tornasse um sujeito desejante e resiliente para construir sua subjetividade e se alçar à condição de sujeito?

A psicanálise entende que um sujeito só pode advir a partir de um lugar de desejo, o que nos faz acreditar que em algum momento Antara tenha recebido esse investimento afetivo, que esse olhar tenha sido suficiente para ascendê-la ao status de sujeito. Ainda que conscientemente ela se dedique a nutrir ressentimentos por Ma, Antara angustia-se e se vê num dilema quando se propõe a cuidar da mãe.

Nessa perspectiva de entendimento, a leitura de *Açúcar Queimado* suscita ainda tantas outras indagações pertinentes: O que seria morrer para Antara? Tornar-se órfã de mãe? Como ela se coloca tão dependente dessa “genitora” a ponto de descrever sua existência quase que como uma bi-partição celular? O que teria precedido as recordações de Antara? Quem foi Ma quando ela nasceu? O que Antara deseja apagar dessa história não seria o modelo de maternidade exercido por Ma? O grande temor de Antara não seria repetir as ações das quais foi vítima? E o fato de não se ver separada da sua origem não é o que a faz acreditar na irreversibilidade dessa condição?

Na tentativa de propor possibilidades interpretativas para essas questões, é oportuno reportarmos à literatura psicanalítica, especificamente às contribuições de Melanie Klein (1993) acerca da relação entre mãe e filho/a:

O seio bom que nutre e inicia a relação de amor com a mãe é o representante da pulsão de vida e é também sentido como a primeira manifestação da criatividade. Nessa relação fundamental, o bebê não apenas recebe a gratificação desejada, mas também sente que está sendo mantido vivo. Pois a fome, que suscita o medo de morrer de inanição, e possivelmente suscita até mesmo toda dor psíquica e física, é sentida como ameaça de morte. Se a identificação com um objeto internalizado bom e propiciador de vida puder ser mantida, ela se torna uma força propulsora para a criatividade (Klein, 1991, p. 233).

Cumpre salientar, ainda no tocante a esse aspecto simbiótico, que mesmo sendo adulta, Antara utiliza significantes que expressam sua dependência em relação à sua mãe. Mais do que identificação, as nomeações feitas por Antara representam sua dificuldade em se enxergar separada de Tara, condição que se evidencia mediante a utilização de expressões que funcionam como significantes: “extensão do seu corpo”, “a criação de um eu separado dela”, “conectadas”, “intercambiáveis”, “minha medula”, “Ma está ali, no meu rosto”.

2. Inquietações

Dando seguimento a essas incursões analíticas a partir da narrativa apresentada em *Açúcar Queimado*, deparamo-nos com duas outras proposições reflexivas: a) o quanto a idealização de que a maternidade seria o lugar de desejo da mulher na contemporaneidade interfere na percepção do lugar de mãe ocupado por Tara? b) o fato de Ma não corresponder a esse ideal nos faz acreditar que ela falhou e que, portanto, não deveria ser amada nem cuidada por sua filha?

Segundo Vera Iaconelli (2023, p.51), na obra *Manifesto antimaternalista*, “sacrifício, abnegação e culpa são a base daquilo que veio a ser considerado maternidade real”. Nessa perspectiva de entendimento, a autora complementa:

A fogueira cessou, mas deu lugar ao risco de não se casar – de ficar à mercê do ambiente misógino e abusivo, pois o casamento protege, dá status e proporciona um lugar social legítimo, dentro da família, ela mesma palco de inúmeras violências – e à difamação. A mulher que não apresentasse o comportamento esperado de uma mãe seria considerada triste, louca ou má, ou, segundo o jargão médico, deprimida, psicótica ou perversa. Seriam todas mães desnaturadas, ou seja, incapazes de cumprir com sua natureza materna (Iaconelli, 2023, p. 52).

As implicações relacionadas ao adoecimento psíquico da mulher decorrente dessa dedicação exclusiva e extenuante às funções do cuidado da sua prole também foram expostas por Vera Iaconelli (2023), tecendo críticas à teoria psicanalítica que corroborou a ideia equivocada de reduzir a mulher à sua função materna:

Das mulheres em geral se espera obediência, dedicação incansável à família e restrições pessoais e sexuais, cujos efeitos, expressos na forma de adoecimento físico e psíquico, Freud teve o mérito de denunciar. A teoria psicanalítica prestou-se a reproduzir o discurso que reduz a mulher à mãe e, por sua vez, a mãe a um sujeito cuja sexualidade poderia se restringir ao cuidado com os filhos. As funções que o/a cuidador/a executa para que o bebê se torne sujeito foram sendo erroneamente atribuídas à genitora, bem ao gosto da ideia secular de que o instinto materno é dominante (Iaconelli, 2023, p. 92).

A função paterna, por sua vez, na obra *Açúcar Queimado*, apresenta-se de forma praticamente inexistente, num processo de apagamento que nos induz a fazer os seguintes questionamentos: Por que o pai não ocupa espaço no diário de Antara? Por que em nenhum momento a sua falta foi sentida? Por que aquele homem não foi cobrado e acusado pela ausência das obrigações e pela falta de afeto que não dispensou à própria filha?

Em se tratando da cultura patriarcal indiana, a única obrigação do pai é como provedor. Caso sua condição financeira seja desprivilegiada, ele tem plenos direitos sobre a prole, inclusive podendo dispor das suas filhas mulheres, vendendo-as a outros homens. Essa particularidade da cultura indiana isenta a figura paterna de exercer quaisquer cuidados afetivos às suas filhas. Embora nossa cultura ocidental não reproduza essa mesma lógica, o pai brasileiro, normalmente, também não é responsabilizado como referência de cuidado, dedicação afetiva e obrigações diárias nas funções com os filhos. Além disso, no cenário brasileiro, pesquisas recentes apontam que 51% dos lares brasileiros são chefiados e sustentados por mulheres. Cabe aqui uma pergunta: como entendemos o papel dos homens brasileiros na nossa sociedade quando eles não assumem nenhuma das funções? Nesse caso, a função sexual seria a única expectativa a qual eles deveriam cumprir?

Na tentativa de compreender os aspectos envolvidos nessas questões, reportamo-nos mais uma vez aos postulados de Vera Iaconelli (2023):

Logo se admitiu que o filhote humano não pode ser criado apenas no nível da satisfação das necessidades orgânicas, e que a atenção particular e afetivamente investida é imprescindível. Feita a matemática, a solução mais fácil era remeter às crianças o colo da mãe, reiterando o lugar da mulher na esfera doméstica. Enquanto isso, os homens seguiriam suas vidas no espaço público (Iaconelli, 2023, p. 46).

A partir desse pressuposto, a psicanalista argumenta que, “embora o amor pelos filhos sempre tenha existido, a moralização e a ideologia associadas a esse afeto foram meticulosamente construídas, fazendo supor que ele não seria contingencial – como todo amor-, mas garantido pela natureza feminina” (Iaconelli, 2023, p. 46).

Vera Iaconelli (2023) reapresenta a dialética entre a teoria primeiramente descrita por Rousseau no final do século XVIII, de que o amor materno seria intrínseco à humanidade, e fortemente rechaçada por Elizabeth Badinter, que defende o amor materno como uma construção social.

Seguindo essa perspectiva de compreensão, Rafael Cossi (2020), ao discutir as imbricações presentes no espectro da parentalidade e psicanálise, assevera que:

O masculino se definiria a partir de uma relação de negação e subjugação do outro feminino; e o mesmo se daria com a paternidade: se a maternidade é associada ao naturalizado cuidado com os filhos, intimidade e vida familiar, a paternidade seria constituída em contraposição a ela: autoridade, insensibilidade e ausência, com origem simbólica do privilégio do homem e sua supremacia (Cossi, 2020, p. 37).

Outro aspecto que merece atenção na complexa relação entre Antara e Ma refere-se à possível disputa e inveja subjacentes entre elas, sobretudo quando se leva em conta o envolvimento da protagonista com Reza Pine, ex-amante de sua mãe. Nesse sentido, é oportuno questionar: esse envolvimento não teria sido uma forma de se sentir próxima de sua mãe, experimentando o que Ma sentia e, assim, tentar compreendê-la?

Durante os anos em que Reza Pine namorava Tara e Antara vivia na mesma casa que ele e sua mãe, a filha dizia: “Se tentasse desenhar o equilíbrio entre nós, uma espécie de triangulação, não conseguia. Ma e eu entendíamos que havia algo que Reza compartilhava comigo que ele não compartilhava com ela” (Doshi, 2021, p. 194).

Desde que conheceu Reza Pine, quando Antara ainda era adolescente, ele despertou nela desejos inconscientes, o que provocou uma cumplicidade entre eles. Supomos que o que levou Antara a percebê-lo foi o interesse de Tara por ele e o fato desta (Tara) representar para Antara o seu primeiro amor.

Melanie Klein, ao iniciar a discussão proposta no reconhecido texto *Inveja e Gratidão*, argumenta com propriedade que:

Há muitos anos venho me interessando pelas fontes de duas atitudes que sempre foram familiares: a inveja e a gratidão. Cheguei à conclusão de que a inveja é um fator muito poderoso no solapamento das raízes dos sentimentos de amor e de gratidão, pois ela afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe (Klein, 1991, p. 207).

As ambivalências inerentes à maternidade são evidenciadas quando Antara torna-se mãe. Nesse sentido, a chegada da filha alimenta na protagonista a possibilidade de sair da escuridão, de encontrar a luz no seu significado simbólico de vida, permanência e segurança. Não terá sido esse medo de amar, de ser amada e de se sentir segura o que mais a aproximou de perder-se de si mesma?

Os conflitos intrapsíquicos decorrentes do ato de tomar para si a função paterna/materna e os desdobramentos dessa experiência em termos de identidade social são discutidos pela psicanalista Thaís Garrafa (2020):

Entendida como ato de se nomear mãe ou pai, essa entrada na parentalidade só pode acontecer a partir de uma decisão autoral, que envolve precipitar-se de um novo lugar na sociedade, na família e em uma posição diante do filho. Esse passo, ao traçar uma linha divisória na trajetória de vida, pode envolver vacilação, angústia e sofrimento, de modo que o tempo que o antecede tem duração imprevisível em cada caso (Garrafa, 2020, p. 19).

O nascimento biológico de um filho nem sempre coincide com o nascimento psíquico do suposto pai ou mãe desse bebê. A função parental excede em muito os cuidados mecânicos que um bebê humano exige. Caso se restringisse a isso, não haveria diferença às respostas emocionais apresentadas pelos que foram verdadeiramente adotados como filhos daqueles que nunca ascenderam a essa posição.

3. Mãe (com açúcar) X Mãe (Ma)

As identificações entre Antara e Ma constituem outro aspecto sobre os quais podemos nos debruçar, na tentativa de engendar possíveis análises acerca da relação dicotômica estabelecida entre ambas. Os significados dos seus nomes, por exemplo, são pistas literais que nos convidam a essa reflexão. Antara pensa em como surgiu sua nomeação e a entende como depreciativa, ligada aos aspectos negativos de Tara consigo mesma. Nem mesmo a ideia de ter a filha como seu oposto foi bem sucedida. Assim, quando Antara chega em casa com a sua bebê e se põe a pensar qual seria o nome da filha, busca explicações para a sua própria nomeação e as consequências em sua vida, dizendo para si mesma:

Minha mãe tem um nome lindo. Tara. Significa estrela, outro nome para a deusa Durga. Como Kali Mata. Ela me chamou de Antara, intimidade, não porque adorava o nome, mas porque se odiava. Queria que a vida de sua filha fosse tão diferente da dela quanto possível. Antara era, na verdade, Anti-Tara – Antara seria diferente da sua mãe. Mas no processo de nos separarmos,

fomos colocadas uma contra a outra. Talvez estariámos melhor se eu nunca tivesse sido designada como sua destruição. Como faço para não cometer o mesmo erro? Como faço pra proteger essa garotinha do mesmo fardo? Talvez seja impossível. Talvez tudo isso seja pura ilusão (Doshi, 2021, p. 245-246).

A escolha do nome da filha e o desejo de que ela tenha uma vida diferente da sua denota a expectativa de Tara de que sua filha pudesse ser amada, ser apreciada e digna de uma vida feliz, representada por tudo o que lhe faltou. O gesto de nomeá-la por si só já significa a impressão desejante sobre Antara, que desde muito cedo recebeu investimento materno. Ancorada nessa perspectiva, Collete Soler (2021) expõe que:

Convém ainda lembrar que a constância da fantasia sujeito-mãe não exclui o impacto das conjunturas variáveis da vida, e também dá lugar à leitura que o pequeno sujeito delas fará. Não nos esqueçamos de que, para a mãe, tal como para qualquer outra pessoa, o desejo sustentado pela fantasia, e o gozo que lhe é inerente, participam do impossível de dizer, e portanto, somente se aproximam pela via da interpretação que o pequeno sujeito fará do discurso que o envolve (Soler, 2021, p. 71).

Collete Soler (2021) ainda acrescenta:

Imperiosa, possessiva, obscena ou, ao contrário, indiferente, fria e mortífera, presente demais ou ausente demais, atenta demais ou distraída demais, quer sacie excessivamente, quer prive, quer se preocupe, quer se mostre negligente, por suas recusas ou por suas dádivas, ela é, para o sujeito, uma imagem de suas primeiras angústias, lugar de enigma insondável e de uma ameaça obscura. No cerne do inconsciente, as falhas da mãe sempre têm lugar (Soler, 2021, p. 67).

Para arrematar, Collete Soler discorre também acerca das idealizações em torno da figura materna, assegurando que “uma coisa é fato: entre a mãe da qual se fala à mãe que fala, há uma grande distância. A primeira é objeto, vista pelo prisma da fantasia daquele que fala. A segunda é sujeito, eventualmente analisanda e como tal, às voltas com a divisão do sujeito falante” (Soler, 2021, p. 68).

Abordando a questão na mesma perspectiva, Daniela Teperman tece as seguintes considerações:

[...] a operacionalidade da função materna não se confunde com o fato de uma mãe ser bondosa, nem com suas habilidades ou características, também não depende de uma perfeição nos cuidados que preconiza. É crucial que o agente da função materna seja portador de um desejo não anônimo, mesmo que pela via de suas próprias faltas (Teperman, 2020, p. 20).

O desejo que a psicanálise entende ser necessário ao exercício da função materna não pressupõe um sujeito mãe como infalível e nem mesmo dotado de predicados excepcionais para qualificá-lo como mais ou menos satisfatório. Trata-se antes disso daquilo que o agente da

função materna será capaz de investir como desejo dirigido a esse filho, possibilitando assim a constituição de um sujeito.

4. O amôdio: desejo e conflito na relação mãe/bebê

A experiência da maternidade implica diversas transformações de natureza fisiológica e comportamental, além das questões relacionadas à identidade social da mulher, como já foi tratado. Avni Doshi apresenta-nos essas mudanças substanciais tanto no corpo quanto no psiquismo feminino, a partir das observações que Antara faz sobre as mudanças físicas e intrapsíquicas que ela vivencia durante a gravidez:

Eu observo as duas se beijando e fazendo cócegas uma na outra e me pergunto como meu próprio filho seria. Sempre pensei que teria um menino, embora a ideia de uma menina seja mais interessante. Sinto que meu apego a uma filha seria mais profundo, mas talvez meus sentimentos por ela penetrassem de modo um tanto agudo demais. Não tenho certeza se essa dor particular seria adequada pra mim (Doshi, 2021, p. 203).

Noutra passagem, a personagem relata suas percepções acerca das transformações corporais vivenciadas a partir da gravidez:

Sei que estou grávida antes da primeira menstruação que não vem. Sinto que estou ficando mais gorda, mais cheia, mais úmida, um pouco mais tudo. Por um tempo, procuro me conter, lembrando da minha adolescência que ser grande é ser fraca, um pouco fora de controle. Sinto um pavor familiar. Sei que planejei tudo isso, mas talvez seja um erro. Marco num calendário o último dia em que posso fazer um aborto com segurança. Vejo os dias se passarem até que não haja mais volta. Só então me sinto relaxar, aceitando a mudança na dinâmica, aceitando que há algo crescendo dentro de mim, agora, que não posso controlar, e estamos à mercê das decisões um do outro (Doshi, 2021, p. 208).

A partir da experiência de Antara, é possível depreender que, durante o período da gestação, a mulher coloca-se mais reflexiva sobre seu papel e sobre seu lugar no mundo:

No meu colo, posso ver o monte que é minha barriga se mexendo. Já não pertence a mim esta criatura. Já tem uma mente própria. Tento me imaginar sem o monte. Não consigo me lembrar daquela pessoa. Me pergunto como meu corpo ficará agora. Haverá um buraco no centro? [...] De repente, não quero abrir mão dela. Deveria ficar comigo, dentro de mim, para sempre (Doshi, 2021, p. 230).

Como toda gravidez carrega em si a ambiguidade entre o desejo e a repulsa, Antara vivencia esse período com a contradição já conhecida pela psicanálise. O medo de se apaixonar por essa criatura, de não ter controle sobre o que tem acontecido e o que será de si mesma depois

que esse filho nascer. Antara é capaz de reconhecer as perdas que já se impõem no físico e, paradoxalmente, manifesta o sentimento de plenitude na sua acepção mais literal, de carregar em si aquilo que pode ocupar finalmente o vazio que há muito apodera-se da sua vivência. A expectativa de amar o filho e especialmente uma filha, desperta nela sentimentos quase insuportáveis de identificação com sua própria mãe; e também de que esse amor possa não ser recíproco, ou melhor, de que essa filha possa não corresponder àquilo que ela deseja e além disso, que essa filha venha para certificá-la de que ela não merece ser amada por mais ninguém. E a partir daí ela pode constatar que as faltas de Ma são de responsabilidade dela própria, (Antara) por ter sido capaz de estragar o amor (seio) que sua mãe pode oferecer e não encontrou formas de repará-lo. Quando se refere à sua gestação, o desejo de ter a filha dentro de si e o fato de não conseguir lembrar de si mesma antes da gravidez parece expressar o quanto sente essa criatura como parte de si mesma, ainda que não pertença a ela.

Antes de engravidar, Antara manifesta sua fantasia, criada a partir dos conceitos pré-estabelecidos de uma bem conhecida ideologia, de que a maternidade torna a mulher sagrada e que por atender às expectativas sociais e dar o filho ao marido ela nunca será abandonada. Em alguns trechos ela se expressa como capturada pela idealização da “segurança” e da “fortaleza” que o filho garantirá à sua família.

Além da reflexão durante a gravidez, a prática da maternidade permite que a personagem viva outras experiências afetivas sob efeito de hormônios e do imperativo social sobre a mulher-mãe. Assim, Antara manifesta sua indignação:

Observam meu rosto quando seguro a bebê pela primeira vez. A criança tem no rosto o doce cheiro de fluidos amnióticos. Seu aspecto é sereno – ela passou por algo escuro e veio para a luz. [...] Não sinto muita coisa enquanto a seguro, mas quando a levam embora sei que algo está faltando. Todos eles esperam que eu diga alguma coisa. Sei que devo expressar alegria, pois, se não o fizer, vão pensar que estou desapontada por ter uma filha. Uma preconceituosa. A escória da terra. Quero deixar claro que não estou desapontada, mas também não consigo demonstrar satisfação. Talvez eu esteja muito cansada. Talvez seja a necessidade persistente de enfiar um embrulhinho de volta dentro de mim, como carne numa pele de salsicha (Doshi, 2021, p. 231).

A chegada da filha também surpreende Antara porque não nasce desse encontro um amor instantâneo, uma magia que torna aquele encontro a certeza que nunca experimentara. Ao mesmo tempo, não consegue se descontextualizar da sua condição de mulher, assujeitada, submetida a uma sociedade que determina seu padrão de comportamento e como deve expressar as emoções. Suscita na personagem o medo de repetir com a filha o preconceito do qual foi vítima; o receio de não conseguir protegê-la de um mundo dos direitos desiguais. Pensando a partir da psicanálise, Vera Iaconelli (2023) assevera que:

A experiência perinatal preenche, atravessa, invade, completa, aterroriza, embevece o sujeito que por ela passa. Ideias de ser ocupado/a por um alien convivem com a sensação de ser tocado/a pelo sagrado e por outras formas de tentar nomear algo que não tem significado em si. Tentamos simbolizar aquilo

que para a consciência humana é intangível. Nesse sentido, o caráter eminentemente traumático exige um trabalho de recobrimento simbólico da perinatalidade (Iaconelli, 2023, p. 158).

Frente à problemática da maternidade, a protagonista persiste em suas reflexões:

Estou cansada dessa bebê. Ela exige muito, quer sempre mais. Eu me tornei uma linha de montagem. Cada parte é secundária, importando somente se puder fazer o seu trabalho. O leite pinga quando minha filha chora, manchando minhas roupas. No espelho, vejo minha barriga escura e enrugada como uma tâmara [...]. Nunca há tempo suficiente para dormir. Eu gostaria de ter descansado todos os anos da minha vida. Gostaria de ter feito tantas coisas. Em vez disso, fiz todas as coisas que estou fazendo agora. Sentada em casa. Olhando para as paredes (Doshi, 2021, p. 237).

O fragmento evidencia o tédio e o desespero da prisão do puerpério que se vive tão isoladamente. O tão tenebroso mergulho oceânico em que as mãos que nos oferecem ajuda parecem muitas vezes não nos alcançar. E, além disso, Antara também se vê envolvida com a filha a ponto de esquecer de todo o resto. Refere que ela e a filha estão machucadas e feridas enquanto seu marido permaneceu ileso. Repudia o fato de percebê-lo orgulhoso de si mesmo e de sua família, embora naquele momento ela questione a si mesma o que ele fez por elas.

Tendo em vista as mudanças pelas quais passa e enfrenta após a maternidade, a protagonista avança em seus pensamentos:

Nunca fui uma defensora das boas maneiras, mas essa bebê não faz nenhuma cerimônia. É uma desgraçada de uma malcriada, eu não tenho dúvidas. Não há pausas educadas. Me pergunto quanto tempo leva para as crianças crescerem, e na minha mente assinalo os marcos, ainda tão distantes. Quando a bebê andar, quando a bebê comer sozinha, tomar banho sozinha. Quando a bebê tiver sua própria vida, sair para o mundo. Há outros dias em que sinto que nunca vou deixá-la ir embora. A bebê parece tão pequena às vezes. Dilip estava certo- é uma maravilha que ainda não a tenhamos matado, ela existe de um dia para o outro; sua vida é pujante, mas tênue. Sempre achei que os filhos vinham para o mundo dos pais, mas talvez seja o contrário. Posso me ver na minha filha. É como se, por meio deste nascimento, eu tivesse ganhado uma gêmea (Doshi, 2021, p. 237-238).

Acerca dessa relação intrinsecamente simbiótica entre mãe e filho/a, a psicanalista Vera Iaconelli (2020) esclarece que:

Gestantes compartilham seu corpo com o embrião/feto, de tal forma que bebês nascem ávidos pelos cheiros, sons, gostos e toques a que estiveram expostos durante a gestação. Embora não sejam capazes de reconhecer a pessoa de quem nasceram como um outro, reagirão de forma diferente à sua presença física após o nascimento (Iaconelli, 2020, p. 76).

Numa passagem importante em que Antara manifesta a proteção em torno da sua bebê, recordamo-nos da popularmente conhecida “mãe leoa”, aquela que aparece como a mais arisca e perigosa predadora para defender sua cria. Na obra analisada esse episódio é descrito quando sentimentos de raiva e fúria se escalonam a ponto de levar Antara ao pensamento de esquartejar sua sogra. Essa ideia parece permitir algum repouso e dar lugar à lucidez quando a protagonista entende que esteve “enlouquecida”, mas justifica suas emoções como a única atitude que garantiria a preservação da espécie.

Mais uma vez, ela começa a chorar. Eu gostaria que ela parasse. Já ouvi choro de bebês antes, mas o dela é pior. Ela fala mais alto, tão insistente. Parece que nunca consigo fazê-la parar. Minha sogra administra. Eu deveria ter dado a bebê a ela - eu deveria dar a bebê a ela. Talvez ela possa levar a bebê de volta para os Estados Unidos, criá-la da mesma forma que criou Dilip. Dilip também pode ir. Posso ficar aqui sozinha, com Ma, com Nani. Posso ficar aqui sozinha e ter um pouco de sossego (Doshi, 2021, p. 244).

O fragmento citado revela as ambivalências da maternidade, confrontando amor e ódio, intensidades iguais para sentimentos contraditórios que só podem existir paradoxalmente. Esse trecho nos remete às declarações das mães que amam seus filhos, mas detestam a maternidade. As mães arrependidas não desejam que seus filhos deixem de existir como pessoas, só não querem ser mãe deles. Essa dicotomia entre amor e ódio demonstra as nuances subjetivas da maternidade e os desafios que se apresentam quando a incipiente vida do bebê exige tantos cuidados daqueles que se responsabilizam por ele. Em especial, fica retratada a sobrecarga materna e as implicações que dela advém.

Nesse sentido, Thaís Garrafa (2020) esclarece que “a fina sintonia que se estabelece entre o bebê e aqueles que dele se ocupam é exigente do ponto de vista psíquico, pois implica incluir o pequeno ser em um lugar nos sonhos dos adultos que o embalam” (Garrafa, 2020, p. 17).

5. Mata-se a mãe ou vive-se por ela?

Se como mãe a protagonista enfrenta vários conflitos, esses desdobramentos são recorrentes enquanto se posiciona como filha, conforme se observa na seguinte passagem:

Quem contestaria o fato de que minha mãe é o meu único genitor verdadeiro e, como filha amorosa, quero lhe dar prazer enquanto ainda posso? [...] Eu amo ela, amo minha mãe. Morro de amor por ela. Não sei onde estaria sem ela. Não sei quem seria ela. Se ela só parasse de ser uma cretina terrível, eu a colocaria de volta nos trilhos. [...] Não quero que ela morra. Às vezes penso que, quando ela se for, vou simplesmente flutuar por aí (Doshi, 2021, p. 250-251).

O conflito apresentado por Antara, caracterizado por sentimentos de amor e ódio em relação à sua mãe, pode ser melhor compreendido quando nos debruçamos sobre os postulados teóricos de Melanie Klein (1991), cuja obra lançou um olhar cuidadoso acerca da ambivalência:

Minha hipótese é que a capacidade de amar promove tanto as tendências integradoras quanto o sucesso da cisão fundamental entre o objeto amado e o odiado. Isso soa paradoxal. Mas, como já disse, uma vez que a integração baseia-se em um objeto bom firmemente enraizado que forma o núcleo do ego, um certo montante de cisão é essencial para a integração, por preservar o objeto bom e, mais tarde, capacitar o ego a sintetizar os dois aspectos do objeto (Klein, 1991, p. 223).

Estudando a teoria kleiniana sobre “seio bom” x “seio mau” fica evidente o quanto a reparação seria necessária àquela relação entre filha e mãe. Nesse sentido, podemos dizer isso a partir do ódio que essa mãe desperta na filha ao longo da vida, além dos sentimentos de amor, culpa e, até esse ponto, o sentimento de vingança alimentado pela expectativa de sofrer e/ou fazer sofrer a mãe.

À medida que o trabalho psíquico se desenvolve, aparece a reparação como tentativa de fazer melhor que sua própria mãe. Isso se manifesta no acolhimento ofertado por Antara, o quanto ela estudou sobre a doença de sua mãe, o quanto suportou suas provocações, hostilidades e, ao mesmo tempo, desejou sua presença e sofreu quando a percebeu destituída do lugar de sujeito. Assistir à anulação de sua própria mãe doeu e lhe causou indignação por sentir que ali ela perdia o que sempre havia lhe faltado, mas que se fez presente através da falta.

Chega-se, então, a um ponto da narrativa em que essa reparação afetiva e emocional é vivenciada por Antara, mediante o exercício de amar a sua filha Anikka. A protagonista passa a ocupar o lugar parental que ressuscita memórias da sua história familiar, unindo laços do passado e do presente, conforme pode ser observado nos fragmentos a seguir:

Há um ano Dilip e eu finalmente fizemos uma viagem a Pushkar para espalhar as cinzas de kali Mata. O pó parecia limpo e tive vontade de colocar um pouco na pele. [...] Não consegui explicar a ele (Dilip) o quanto a queria como parte de mim (Doshi, 2021, p. 235).

Abraço Anikka com força todos os dias e sincronizo a atividade com um cronômetro, para que ela se lembre da abundância de amor e afeição física que recebeu quando criança. Alguma impressão da sensação, ser comprimida, da restrição do fluxo sanguíneo, do calor de outro corpo, deve ficar com ela. Os bebês gostam de ser colocados em camisas de força, de se sentir enclausurados – qualquer coisa que lembre o útero. Depois de uma dia assim, a bebê não gosta da atenção. Deixa isso explícito. Não entende o quão sortuda ela é, e protesta (Doshi, 2021, p. 248).

Começo a questionar se ela é mesmo sortuda – e se estou enganada. Ela não quer ser envolvida pelo meu corpo? A sensação de receber um beijo é menos prazerosa do que a de dar? Ouvi dizer que os bebês acham os adultos assustadores e feios, que nossa pele texturizada e nossos corpos grandes são

repulsivos para eles. Quase me lembro de ter tido esses sentimentos quando criança – de que mesmo o mais belo adulto era sujo e deplorável. Talvez, mais tarde na vida, ela fuja desta casa. Talvez fuja de mim. Talvez nossas mães sempre criem uma deficiência em nós e nossos filhos continuem a cumprir a profecia (Doshi, 2021, p. 249).

Segundo a psicanalista Thaís Garrafa (2020):

Ocupar o lugar parental toca sensivelmente a história familiar e a trama do passado que dá lugar ao infantil. Diferentes destinos são dados a esse afeto na particularidade de cada caso, o que varia da repetição assombrosa e irrefletida do passado à elaboração da conflitiva com os próprios pais trazida à tona pela emergência involuntária de lembranças. Por diferentes vias, conscientes ou não, o diálogo entre continuidade e ruptura é forçosamente trazido à tona para quem então ocupa o lugar de dobradiça entre gerações (Garrafa, 2020, p. 16).

Na condição de filha e agora também de mãe, Antara se percebe tomada pelo desejo de amar e cuidar de Anikka. Não por acaso ela sente saudades de Kali Mata, e a representação de querer misturá-la ao seu corpo como parte si mesma é a forma que ela encontrou de dizer que essa marca já estava impressa no seu psiquismo. Abraçar Anikka de modo sincronizado e comprimí-la a ponto de causar desconforto é assegurar a si mesma de que ser amada pode nem sempre ser confortável. O medo de que Anikka fuja dela é o medo que assombrou Antara por uma vida inteira.

Conclusão: fim para pensar outros começos

Pensar a maternidade como escolha e não como imposição social e/ou dever da mulher, dissociá-la do feminino e permitir a entrada de outros cuidadores em cena nos faz rever séculos de construção patriarcal ancorados numa perspectiva de sujeição, opressão e silenciamento da mulher. Apesar de *Açúcar Queimado* ter como cenário a Índia, país onde a mulher ainda hoje não alcançou a emancipação feminina característica da civilização ocidental, as pautas que ganham discussão no congresso brasileiro e na mídia escancaram abusos e submissões das quais as mulheres continuam sendo alvo. Ampliar a discussão acerca do sujeito que existe independentemente do sexo biológico, gênero com o qual se identifica, orientação sexual, origem racial e/ou escolha pela parentalidade ou não parentalidade, permitirá que sejamos mais livres e comprometidos/as com nosso próprio desejo. E em se tratando de desejo, voltemos à psicanálise, entendida como dispositivo em que a ética do desejo e a responsabilidade pelas escolhas nos aproximam da autonomia tão sonhada por quem quer escrever a própria história.

Açúcar Queimado se encontra entre as obras publicadas por autoras femininas, o que a torna um marcador de gênero, extrapolando muito do que já fora dito a partir do referencial masculino sobre as mulheres. Mulheres narradas por homens tinham sua existência reduzida ao ideal de feminino estabelecido pela sociedade de cada época. Em diferentes momentos históricos, muito da produção literária era investida como recurso pedagógico para controlar e vigiar o comportamento feminino. A compulsoriedade da maternidade, o silenciamento das

angústias provocadas pela opressão de gênero, a limitação ao mercado de trabalho e o impedimento de manifestar suas insatisfações foram questões trazidas à tona através da escrita de mulheres.

As produções ficcionais, ainda que não possuam compromisso com a realidade, permitem que a mulher possa ser escutada e legitimada no seu lugar de fala. E por tudo o que a literatura proporciona em termos de visão de mundo, identificação e mudança de paradigma. Ler autoras mulheres é um convite para pensar o mundo ao lado de quem não ocupa o poder e mesmo assim revoluciona, denuncia e reivindica seus espaços e sua existência com dignidade.

Referências

COSSI, Rafael Kalaf. Masculinidade e paternidade. In: TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p.37.

DOSHI, Avni. *Açúcar Queimado*. Trad. Adriana Lisboa. Porto Alegre: Editora Dubliense, 2021.

GARRAFA, Thaís. Tempos e temporais da parentalidade. In: TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, pp. 16-17.

IACONELLI, Vera. *Manifesto antimaternalista*: Psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

IACONELLI, Vera. Reprodução de corpos e de sujeitos: a questão perinatal. In: TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, pp. 46-47.

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1943-1963)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

SOLER, Colette. A marca materna. In: TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Corpo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, pp. 67-71.

TEPEMAN, Daniela. Um laço chamado desejo. In: TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Laço*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 20.

TEPEMAN, Daniela; GARRAFA, Thaís; IACONELLI, Vera. *Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Parentalidade & Psicanálise).

Data de submissão: 31/08/2024

Data de aceite: 24/03/2025